

## CONFIGURAÇÃO PSICOLÓGICA DO ESTILO DITATORIAL NO ÂMBITO FAMILIAR

Eloã França dos Santos<sup>1</sup>

Lindomar Coutinho da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo tem como tema Configuração Psicológica do Estilo Ditatorial no Âmbito Familiar, com o objetivo geral de apresentar os possíveis impactos psicológicos e de desenvolvimento gerados por um padrão de autoritarismo e poder no ambiente familiar, tendo como objetivos específicos a configuração da família tradicional e suas transformações, de modo que identifique os malefícios e benéficos psíquicos do modo ditatorial, no âmbito familiar, ressaltando os efeitos positivos da alteridade na família. Descreve-se o grupo familiar em seu contexto singular nessa modalidade metodológica, de caráter bibliográfico, constituindo um levantamento de fontes distintas para possibilitar uma visão geral sobre o tema. Considerando as pesquisas feitas pela psicóloga clínica Diana Baumrind (1966) sobre o modelo teórico criado por ela, denominado "Estilos Parentais", que ressaltam as implicações emocionais durante a vida da pessoa, ocasionados por este tipo de comportamento ditatorial, que descreve a valorização dos pais por uma obediência absoluta, optando por controlar e modelar, de forma excessiva, as atitudes de seus filhos. De Antoni (2005) explica que a Psicologia, entende a família como uma relação recíproca de troca, referindo-se a aceitação e compreensão, da subjetividade dos indivíduos envolvidos, ao invés de uma via única de regras e imposições. Sendo assim, o artigo baseia-se na exteriorização das faces da imposição, não totalizando negativamente, mas sim, esclarecendo os efeitos que a demasia pode propiciar, de modo que se disponha em prováveis reduções de danos, gerando uma compreensão oportuna para as reflexões necessárias.

**Palavras-chave:** Autoritarismo. Família. Desenvolvimento. Impactos psicológicos.

### ABSTRACT

The article has as its theme Psychological Configuration of the Dictatorial Style in the Family Environment, with the general objective of presenting the possible psychological and developmental impacts generated by a pattern of authoritarianism and power in the family environment, having as specific objectives the configuration of the traditional family and its transformations, in order to identify the psychic harms and benefits of the dictatorial way, in the family environment, emphasizing the positive effects of alterity in the family. The family group is described in its singular context in this methodological modality, of bibliographic character, constituting a survey of different sources to enable an overview of the theme. Considering the research done by clinical psychologist Diana Baumrind (1966) on the theoretical model created by her, called "Parental Styles", which highlight the emotional implications during the person's life, caused by this type of dictatorial behavior, which describes the valuation of parents for absolute obedience, choosing to overly control and shape their

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia do 10º semestre na Faculdade de Ilhéus (CESUPI), localizada em Ilhéus (BA).

<sup>2</sup> Filósofo, Mestre em Educação.

children's attitudes. De Antoni (2005) explains that Psychology understands the family as a reciprocal relationship of exchange, referring to the acceptance and understanding of the subjectivity of the individuals involved, rather than a single path of rules and impositions. Therefore, the article is based on the externalization of the faces of the imposition, not negatively totaling, but rather clarifying the effects that too much can provide, so that there is probable damage reduction, generating a timely understanding for the necessary reflections.

**Keywords:** Authoritarianism. Family. Development. Psychological impacts.

## 1 INTRODUÇÃO

A família é a união de pessoas que compartilham dos mesmos laços consanguíneos, de convivência e de afetividade, que abrange distintos modos de estruturação referente a relação de afeição entre seus membros. Isso significa que não é um conceito imutável, ou seja, família vai além de um padrão de tradição imposto pela religião, sociedade ou qualquer outro grupo de tamanho poder persuasivo. O próprio conceito familiar não possui rigidez em sua composição, isso significa que indivíduos com diferentes referências culturais, sociais e políticas desfrutam da possibilidade e opção de produzir um vínculo com propósito de uma eternidade, com a pessoa que escolher conhecer intimamente.

Entende-se que o ser humano é atemporal em qualquer âmbito que ele esteja inserido, até mesmo no familiar, sua evolução é de acordo a fatores internos e externos que não se controlam por causa de uma limitação estipulada, ou seja, o indivíduo irá mudar mesmo que ele seja instigado a permanecer igual. O problema está na mudança em conjunto ou solo, afinal existe uma expectativa projetada na configuração familiar, seja os pais para com os filhos ou entre cônjuges, que quando não supridas ou são alteradas, geram crises ou rompimentos angustiantes. Diante de tal contextualização, temos o seguinte problema: Quais são os impactos psicológicos e evolutivos causados em membros de uma família, quando impedidos de expressarem sua singularidade por causa da tradição imposta de modo implacável?

O objetivo geral dessa pesquisa apresenta os possíveis impactos psicológicos e de desenvolvimento gerados por um padrão de autoritarismo e poder no ambiente familiar, tendo como objetivos específicos a configuração da família tradicional e suas transformações, de modo que identifique os malefícios e benefícios psíquicos do modo ditatorial, no âmbito familiar, ressaltando os efeitos positivos da alteridade na família.

De acordo a publicação da *Carta Capital* (2019), sobre uma pesquisa feita pelo IBGE, expõe que há aproximadamente, 69 mil famílias no Brasil, o que significa ser a classe

predominante na população brasileira. O mundo é composto por famílias e cada família possui um mundo. O diferencial está em compreender como cada indivíduo existente nesse âmbito, se desenvolve nesse mundo que integra, seja ela de forma limitada, imposta ou livre. Há benefícios e malefícios, que podem resultar em condições psicológicas consideráveis, para o processo de desenvolvimento intelectual, estrutural e social de cada indivíduo que constrói o meio familiar. Uma questão relevante, visto que cada família forma seres humanos, portanto, é necessário que contemple de modo funcional. Bem como, agregar conhecimentos e informações, na perspectiva e vivência da Psicologia, para família em geral e essencialmente profissionais de Psicologia, que abordam a esfera da Orientação Parental e Familiar, sendo útil no desempenho de processos terapêuticos e interventivos.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa possui caráter bibliográfico, que concebe um levantamento de fontes distintas para apresentar uma ampla visão sobre o mesmo assunto, na finalidade de uma maior compreensão. O objetivo ímpar é exteriorizar uma temática necessária por se tratar de um grupo excepcional, que é a família, de modo a apresentar e acrescentar conteúdo, informação e diferencial para o público-alvo, sendo o discorrido no tema e interessados em geral da profissão da Psicologia. A análise descritiva e exploratória, comporta no aspecto cognitivo e percepção da estrutura afetiva, estrutural e social da conduta autoritária no âmbito familiar e suas resultâncias. De modo que o processo assertivo seja predominante e situações que abordem esse proceder, contemplem uma resolução qualificada. Fundamentada de acordo aos conhecimentos técnicos e metodológicos, bem como o olhar, da Psicologia, visa contribuir em uma maior produtividade na Orientação Parental e Familiar.

Os artigos escolhidos para embasar a pesquisa bibliográfica são da Biblioteca Eletrônica Científica Online Scielo, entre os períodos de 2009 a 2019. De caráter qualitativo por se tratar de um levantamento de conteúdos já publicados, entrega uma análise e escrita exploratória, almejando facilitar a compreensão do leitor de modo que não induza apenas a uma racionalidade, mas sim, explorar uma visão ampla sobre o tema possibilitando uma reflexão, valorizando problema de pesquisa, justificativa, objetivos, hipóteses, fundamentação teórica e conceitos.

Diante as outras literaturas encontradas na plataforma, será feito uma análise sobre os artigos: Elaborações imaginativas de professores sobre adolescência: uma leitura Winnicottiana; O envelhecimento humano e as novas configurações familiares: o idoso como

provedor e Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo. Sabido que existem mais outros três referentes a psicologia como demonstra a tabela, não foi encontrado o objetivo de contraste com o tema, ficando por opção então, os resultados e discussão direcionados apenas aos artigos selecionados.

Tabela – Análise de Dados Adicionais

TERMOS	SCIELO	PORTUGUÊS	OUTROS IDIOMAS	PSICOLOGIA	OUTRAS ÁREAS
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	11	8	3	3	8
FAMÍLIA AUTORITÁRIA	9	4	1	2	2
ADOCIMENTO PSICOLÓGICO FAMILIAR	4	4	1	1	3
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>13</b>

Fonte: Dados da pesquisa na plataforma Scielo (2021).

### 3 A configuração da família tradicional e suas transformações

Para De Antoni (2005), a Psicologia compreende que a família é um conjunto de relações referentes à influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros. Isso significa que há uma troca constante do que é aprendido com o que é ensinado e principalmente, relacionadas às relações afetivas de modo geral. A família é segunda experiência de vida do ser humano. Diretamente do colo do útero, para os braços de quem esperou por esse momento e se comprometeu com os cuidados necessários. Pois, nem todos somos pais ou mães, mas com certeza, somos filhos. É, de fato, a maior conexão e implicação dos próximos passos a serem vividos, visto a lógica de que quem nasceu é quem irá aprender. Mas quem foi gerado, também vai ensinar.

A troca em família se dá intimamente pelas descobertas de cada um, quando o que foi apresentado não é o suficiente ou apenas precisa ser acrescentado ao longo dos caminhos percorridos. É conviver com culturas, costumes, religiões, manias, percepções, profissões, escolhas e formas diferentes, estando no mesmo grupo. Para Marques e Ebner (2004), a família tem uma representatividade no espaço de socialização, busca coletiva para estratégias de sobrevivência, exercício da cidadania, do desenvolvimento individual e grupal de seus

membros que independem dos conformes já tradicionais ou os novos que, ao longo do tempo, estão se formando.

O âmbito familiar pode ser comparado, de forma figurativa, a como aprender a andar de bicicleta. Primeiro se ganha – que é quando se nasce – depois se ensina em como ela funciona e como usar – quando os pais ensinam a como comer, como andar, como se portar e, até mesmo, como ser. Após entender as teorias vem o caminho da prática, que é colocar, ou não – visto que cada um tem o seu processo de tempo, agilidade e entendimento –, rodinhas para que possa se habituar aos poucos com tudo que foi ensinado, mas ainda com uma “mãozinha” da família. Por fim, após obter confiança em si mesmo, tendo convicção de que tudo aprendido, foi por mérito do próprio empenho e os ensinamentos de quem por natureza e afeição, só viabiliza o melhor para o desenvolvimento de seus membros, chegou o momento de andar, só e sem rodinhas. Este é o momento em que a sensação de autonomia se encaixa no pensamento de que: se eles confiaram em mim, eu também confio.

Uma vida de mão dupla, onde quem aprendeu a andar sem as rodinhas, aprende sobre independência e quem ensinou, observando elas serem substituídas por autoconfiança, aprende sobre liberdade. Fazendo um apanho do figurativo, ser família ou estar em família, diante dos fundamentos e práticas, é compreender a evolução interna e externa de seus membros, diante a naturalidade que o ser humano e a sociedade se modificam, com a convicção de que não há como controlar as projeções. Pois, quando o filho aprender a andar de bicicleta, é ele quem passa a ter o controle de guiar, porém, com todas as instruções que sua família lhe entregou e suas novas modalidades aprendidas por si. É confiar na sensatez de que o que foi ensinado e aprendido, se aplica de formas diferentes em cada sujeito. E está tudo bem ser diferente, o que prevalece é o respeito pela jornada individual, mesmo em família.

#### **4 Os malefícios e benefícios psíquicos do modo ditatorial no âmbito familiar**

Diana Baumrind (1966), foi uma psicóloga do desenvolvimento, que ocupou o cargo de psicólogo pesquisador no Instituto de Desenvolvimento Humano (IHD) na UC Berkeley, de 1960 a 2018 e PhD da Universidade de Berkeley, na Califórnia (EUA), estudou a mais de 50 anos o papel da família na socialização e desenvolvimento de crianças e adolescentes. Diante de suas pesquisas, chegou à conclusão de que pais autoritários expressam mais controle, do que carinho para com seus filhos e posicionam condutas de comportamento, que não podem ser questionadas ou negociadas, por seus filhos.

Baumrind (1966) criou um modelo teórico denominado de "estilos parentais" propondo três modelos, um deles é o "estilo autoritário". Esse estilo descreve a tentativa de pais em controlar e modelar, de forma implacável, as atitudes das crianças ou adolescentes. Os pais valorizam uma obediência absoluta utilizando de medidas punitivas, sejam elas verbais ou físicas com frequentes ameaças, quando fora do contexto proposto. Estudando as crianças criadas com pais autoritários, notou que em geral, elas tinham temperamento infeliz, pareciam distantes, hostis, ansiosas e com pouco controle de suas emoções negativas (WEBER *et al.*, 2004).

As consequências apontadas no estilo autoritário, para os filhos, são o desempenho moderado na escola, não apresentam problemas de comportamento e geralmente são crianças ou adolescentes quietos e passivos. Porém, se a opressão dos pais for muito incisiva, tendem a apresentar hostilidade e agressividade a figuras de autoridade (WEBER *et al.*, 2004).

Magalhães *et al* (2021) diz que um contexto familiar baseado na violência tem uma grande representatividade para a saúde e desenvolvimento humano, eles apontaram que um estudo feito na Coreia do Sul, observou que crianças pertencentes a lares agressivos possuem uma predisposição a apresentar depressão e ansiedade, bem como comportamentos agressivos. Trouxe também uma pesquisa do Texas, feita através de uma investigação com jovens, que mostrou a perpetuação da agressão na infância, refletida nos relacionamentos afetivos atualmente. Para corroborar, em uma pesquisa brasileira, apresentou que homens que presenciaram relações de conflitos entre seus pais, tendem a repetir esse comportamento por compreender como um ato natural.

A autoridade parte do pressuposto de que há uma desigualdade de posições, o que em partes é bem aceito quando trata-se de pais para com seus filhos, desde que não tragam resultados negativos para ambos, mas não entre cônjuges, já que são, em sua maioria, dois adultos dignos de decidir por si. Crianças e adolescentes precisam de uma figura autoritária no quesito ensinamento e regras para o aprendizado, que possibilitará futuramente a consciência e autonomia de impor seus próprios seguimentos, ainda com a influência do que foi passado.

Existe um aspecto importante na autoridade que é o respaldo parental legítimo (CORSINI, 2008). Por exemplo, uma criança ou adolescente ser liberado para uma viagem da escola, apenas com a assinatura ou permissão dos seus responsáveis, afinal, quem irá reconhecer os riscos e benefícios são os adultos aptos na situação referente. Agora, se não há nenhum fator de saúde, financeiro, estrutural, emocional ou qualquer que seja, que impossibilite de ir à esta viagem, mesmo assim há uma proibição por autoridade implacável de não permissão, se encontra uma problemática e é nesse contexto, que se encaixa o diálogo entre as partes.

Paulo Freire (2000) diz que ensinar se dispõe de saber dialogar. Mas, a forma autoritária implacável é impossibilitada de ouvir, o que acarreta questões negativas para quem impõe e, principalmente, para quem recebe. Porém, existe a forma autoritária que não se direciona para o ditatorial, mas sim, a fim de apenas cuidar de suas partes e essa, mesmo que não completamente, sabe ouvir. O diálogo traz a compreensão do sentimento de quem se expressa através dele, tudo se torna mais claro e resolvido com mais facilidade.

É perceptível que há pontos positivos no autoritarismo quando ele desencadeia comportamentos ou posições que são satisfatórias para quem os aprecia, assim como quem os tem. Visto que são elogiadas pessoas de boa conduta e educação, ou quando o que foi imposto se torna um padrão de julgo, para não cometer certas impunidades, ou para entender o limite de que o lugar de alguém, termina quando o do outro começa, em termos mais resumido, o respeito. A problemática está em afetar a questão emocional e psíquica de quem recebe essa autoridade como forma de imposição inquestionável, que seria a estrutura mental do sujeito e a expressão dessa estrutura, viabilizada através da emoção. Ou seja, a autoridade como forma de ensinamento, retira o aprendizado através da compreensão de quem a recebe, pois a ordem é tida como irreversível e não acompanhada de um processo estruturado de conscientização.

## **5 Emoções que quando induzidas a reprimir, adoecem o indivíduo**

Aquilo que você nega o domina. Tudo que acontece conosco, entendido adequadamente, nos guia até nós mesmos (JUNG, 2012). Paulo Freire (2000) diz que quando ouço o que o outro tem a dizer posso organizar minhas ideias, entender como me colocar e reconhecer as diferenças. Quando acontece o contrário disso, além de reprimir quem quer se expor, também reprime quem não soube ouvir e, portanto, também não sabe o que dizer. E quando diz, erra a mão, o conteúdo e as emoções. Se após um erro dos filhos ou descuido do cônjuge, o diálogo é cancelado por alguns dias como forma de punição, retira o direito de aprender a reconhecer, pedir perdão e seguir, bem como de exteriorizar uma situação futura visto as consequências, que já é esperado acontecer. O desgaste e receio são maiores do que a vontade de resolver e, assim, evoluírem juntos.

Um exemplo claro e infelizmente muito utilizado de coibição, é quando sempre que um dos pais bate em seu filho, pede para que o mesmo não chore. Quando uma ação é repetitiva, ela se torna natural de se ter, como treinar um animal para uma determinada função. Se o sujeito cresce aprendendo que mesmo com dor, não se deve chorar, ele cresce entendendo que talvez

emoções sejam apenas para serem sentidas e não expressadas, ou talvez, que elas não são importantes. Mas, futuramente, em um relacionamento afetivo encontra e se apaixona por alguém, que foi ensinado a expressar seus sentimentos e a relação não vinga por faltar em um, o que sobra no outro.

Gomide (2003) criou um modelo teórico de estilos parentais, denominado de conjunto de práticas educativas usadas pelos pais nas orientações para com seus filhos, um deles é abuso físico, quando os pais causam dor física em seus filhos com a explicação de que é apenas por correção. Gomide (2003) diz que esse comportamento pode promover crianças (ou adultos) com questões psicológicas consideráveis, como pessoas medrosas ou apáticas. Gomide (2003) também descreve a punição inconsistente, que é quando os pais de acordo ao humor momentâneo, punem os seus filhos, sem levar em consideração se o comportamento da criança é ou não funcional. Ou seja, o estado emocional é o que determina seu ensinamento familiar, o que gera confusão para a criança, já que a mesma não consegue identificar se o seus pais não estão satisfeitos com suas condutas ou apenas estão descontando seus momentos ruins. Existe um trecho, em um dos volumes dos livros de Rupi Kaur (2014, p. 21), uma escritora e poetisa feminista nascida na Índia, que diz “toda vez que você diz para sua filha, que grita com ela por amor, você a ensina a confundir raiva com carinho, o que parece uma boa ideia, até que ela cresce confiando em homens violentos, porque eles são parecidos com você”.

Quando você ensina para seus filhos que o único meio de conseguir mérito é através da dor, você está ensinando a aceitar sofrimentos e encarar o mundo como um caos sem resoluções aparentes, porque foi assim que ele aprendeu. Ao aceitar o que for imposto, porquê a única voz que ele conhece, é mandato de silêncio, logo, atende a quase todos os mandatos. Vendo pelo ponto de vista que, às vezes, silenciar é um ato de inteligência, quando causa angústia, é um ato de injustiça. A forma assertiva de ensinar, não está no modo incisivo de impor, a funcionalidade está na praticidade de um diálogo carregado de ensinamentos, não de juízos finais. O que se diz a uma criança, também se ouve nela adulta. Isso implica na forma de sentar, vestir, se relacionar, de ser, de se enxergar. Encolher o indivíduo para caber no ambiente de sua própria família, o ensina a se anular em qualquer contexto. E o que esperar de uma pessoa que se anula? As emoções ocasionadas por conflitos e traumas não solucionados, se não forem expostas através da expressão, continuarão aprisionadas no corpo, gerando diversos problemas (BENETTI; OLIVEIRA, 2016).

Quando você diz que o sofrimento é exagero ou coisa da cabeça de quem sente, você ensina mais sobre inibição do que inteligência emocional. Convenhamos, um emocional descontrolado não capacita pessoas, pelo contrário, abala desempenhos, desfechos e qualidade



de vida. A família é espelho até nas relações afetivas de seus membros. Agora, imagine, se toda vez que uma emoção aparecer frente a esse espelho e o mesmo se quebrar, o que sobrar? A ideia não é permitir qualquer expressão que venha de filhos, cônjuges ou parentes – compreendendo que há uma linha tênue entre querer e poder – mas respeitar o que o outro sente, deixando o caminho aberto para que ele decida se diz ou não, como permitir que o filho decida qual graduação seguir, não intervir nas roupas da mulher, respeitar a orientação sexual, de quem quer que esteja inserido na família, excluir o machismo tão convicto que habita ainda na atualidade, respeitando a voz da mulher, que é tão válida e tão importante, quanto, entre outros.

Independente de entrarmos no século XXI, é ainda visto a opressão feminina de modo ocultado, principalmente dentro da instituição familiar, a fim de preservar o conservadorismo, que é a família. Isentar as relações da categoria do próprio lar é também manter a relação de poder e autoritarismo, que pode ser expressa no silêncio do próprio olhar (OLIVEIRA, 2004). Vejamos a seguinte figuração, se uma mulher que foi oprimida parte da sua vida por seu pai e agora passa a ser oprimida por seu marido em sua casa, recebe uma promoção no emprego de cargo chefe, ela se sente capaz de manusear o que lhe foi proposto? A resposta é: talvez. Existem pessoas que possuem a predisposição de ressignificar as situações adversas da vida, assim como, existem as que mesmo com força estão cansadas e se rendem. Tudo isso implica na repreensão de alguém para com alguém.

Lidar com o ser humano é lidar com um mundo diferente do seu, com percepções, necessidades, particularidades, decisões e emoções, diferentes da sua. Não é sobre emoções desenfreadas, é a necessidade de calma para habitar no território de alguém, para que não aconteça por descuido ou, de fato propositalmente, quem no olhar vai viver gritando por socorro pela precisão de apenas ser escutado. Negligenciar as emoções do outro, em qualquer âmbito, é causar danos em um terreno que não lhe diz respeito e que só o outro poderá consertar.

## **5.1 Os efeitos positivos da evolução singular dos membros na família**

Quando se é aceito na sociedade em que se vive, independente das diferenças, causa uma sensação de bem-estar inexplicável. Melhor ainda é quando aqueles que nos aceitam são os mesmos que dividimos experiências, a vida e o lar. É como saber que, mesmo estando em qualquer lugar do mundo, existe para onde voltar porque lá tem pessoas que se agradam por quem, e como se é, a família.

Para Dessen e Braz (2005), a família é um dos principais contextos de socialização de suas partes, por isso tem um simbolismo fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, sendo ele um processo constante de transformação. Multideterminado por fatores do próprio indivíduo e por aspectos do contexto social, que estão inseridos. Conclui-se que a família não é a regra de imposição de seus membros, mas sim o caminho que norteia as boas e más escolhas, levando em consideração de que o significado de bom e ruim, é relativo para os indivíduos inseridos em seu contexto.

Para Roudinesco (2003), a família é um conjunto de relações que são internalizados por suas partes, classificando padrões de relacionamento, que estão ligados à subjetividade do indivíduo. Na Psicologia, a subjetividade é entendida pelo processo pertencente ao indivíduo, de modo singular, que possibilita a construção do psiquismo, os traços psicológicos do sujeito. Ou seja, são as particularidades diante as suas vivências, experiências, traumas, julgo de valores, enfim, sua história construída a partir de sua visão de mundo.

Um dos maiores entusiasmos do ser humano é perceber que as pessoas à sua volta respeitam a sua liberdade que já lhe é garantida por direito, sem a necessidade de boicotar o processo natural de evolução por causa de um padrão tradicional imposto. É compreensivo que tudo aquilo que é sonhado para quem se tem muito apreço, é baseado na melhor intenção, mas as pessoas se destacam naquilo que elas sabem fazer de melhor e isso só é descoberto, quando se permite descobrir sem pressão ou estigmatizar, a naturalidade se encarrega de encaixar tudo em seu devido lugar. Minunchin (2009) médico psiquiatra, em uma das suas revoluções dentro da psicologia, chegou à conclusão de que a patologia não se encontra apenas no indivíduo, mas dentro do seu âmbito familiar e suas relações. Ele criou duas estruturas familiares: “subsistemas” que seriam os territórios individuais dos componentes da família, de acordo a sua categoria e “fronteira”, que seria os limites entre os territórios, basicamente as regras dos sistemas. O funcionamento das regras, desempenha também, do reconhecimento dos direitos.

A mudança é o processo natural de evolução de qualquer contexto, sejam as estações do ano, os cargos nos empregos, as reformas de casa, os fins para novos começos e não seria diferente com o ser humano. Estar inserido em um ambiente, principalmente ao que se reconhece como laço afetivo, com a autonomia de ser quem, de fato, se é, traz satisfação ao indivíduo e sucesso em suas trajetórias de vida. Pois, viver reprimido é como carregar uma culpa que não convém, é se sentir errando a cada passo.

O modo como olho para alguém, aquilo que vejo, o que escuto, o que penso e o que falo acerca dessa pessoa vai trazer consequências para a compreensão que tenho dela. Pretendo estudar o indivíduo não como uma “coisa em si”, natural, passível de ser

desvendada. Longe de pensá-lo como essência, vejo-o como objeto inacabado, em construção, produto de suas condições e contradições históricas (FOUCAULT, 1995, p. 470).

O ser humano é passivo de mudanças desde que o ambiente é parte de tamanha influência no mesmo, mesmo que não determinante. E se o próprio ambiente está em constante transformação, não seria diferente com quem nele habita. O êxito está em compreender o indivíduo como passível de variantes e não como um objeto a ser moldado e esculpido por terceiros, mesmo que, família.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos através de uma pesquisa, será debatido quatro artigos, sendo eles: Novas configurações familiares a partir do idoso como provedor; Elaboraões imaginativas de professores sobre adolescência: uma leitura Winnicottiana e **Transtorno de pânico**: uma manifestação clínica do desamparo. Como forma de ampliar e contrastar a compreensão e conhecimento de modo que torne livre a reflexão, usando outras literaturas encontradas durante uma busca que utilizou de termos existentes nesse trabalho, na plataforma Scielo.

Costa e Queiroz (2011) descrevem sobre as transformações no modo organizacional das famílias, ou seja, uma redefinição dos papéis do homem e da mulher como novas configurações familiares, redimensionando o lugar do pai não mais como centro de lei e reverência única, causando uma sensação de desamparo por perder esse posto. Fazendo uma associação ao Transtorno de Pânico, como resulta da figura paradigmática do desamparo nos dias atuais, ocasionado por alterações no que era costume e poder. O desamparo primário inerente à constituição do sujeito, marcando o ser humano e o secundário como sua condição de vida, algo circunstancial em um ambiente instável e inseguro, em níveis de angústia que afetam consideravelmente o ego.

Areosa e Bulla (2010) descrevem sobre a ampliação da quantidade de pessoas acima dos 60 anos, estarem sendo provedores de suas famílias. Frequentemente, idosos possuíam o rótulo de dependentes e atualmente tem surgido uma nova realidade, onde os mesmos auxiliam ou são figuras principais da economia em suas famílias. Ressalta também, que as relações que são estabelecidas na família em que se nascem, são importantes e representam base de comportamentos futuros. Ou seja, o homem não mais visto como provedor único da família,

acompanhando a evolução principalmente social, de que qualquer pessoa que trabalhe e consiga prover ou sustentar a si e o vínculo familiar, pode ser porto seguro da família.

Amaral, Tháyla *et al*, diz que os adolescente em situação de vulnerabilidade social necessita dos pais, professores e sociedade auxílio para que sejam preservados dos riscos que estão expostos, sem que esse cuidado prejudique sua autonomia. Através de um estudo qualitativo, com o objetivo de investigar elaborações imaginativas de 30 professores sobre a adolescência, usando Narrativa Interativa como meio investigativo. Foram apresentadas pelos participantes, além das questões pedagógicas, dificuldade para lidar com afetivo-emocional dos adolescentes, oscilando entre concepções estereotipadas como "Adolescência: sinal de perigo", uma postura empática referente a imaturidade que é inata da idade. Por fim, chegou-se à conclusão de que os professores possuem sentimentos de ambivalência referente aos adolescentes, assumindo uma postura autoritária e também de aceitação, sobre os conflitos que os mesmos enfrentam naturalmente, por ser uma etapa do desenvolvimento.

Conciliando o tema do presente artigo com o acréscimo de conhecimento dos dois citados acima, é possível detectar a influência que a família possui para os seus membros, desde quem provém o sustento a quem significa padrão a ser seguido. É aceitável a resistência de mudanças visto os ofícios de décadas existente, afinal nenhuma evolução é repentina, mas a vida é atemporal, o mais justo é mover-se junto com ela. Portanto, é preciso cautela ao observar e vivenciar as variáveis individuais e coletivas no âmbito familiar, visto que se tornaram referência de sentir, agir e ser, as transformações ocorridas, não são por mero desejo, mas por questões sociais, culturais, psicológicas e econômicas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante as informações obtidas pelas pesquisas feitas, compreende-se por fim, analisar a funcionalidade dos comportamentos, quando inserido em um grupo, meio ou sociedade, especificamente, tratando-se do âmbito familiar. A configuração da família não é atemporal, ou seja, possuem transformações de acordo as condições, vivências, experiências e evoluções socioculturais.

Exigir um padrão ditatorial no âmbito familiar, traz benefícios e malefícios psíquicos, perante a necessidade de obediência ou regras em ambientes e seres humanos. A não funcionalidade, está em repreender a subjetividade humana, desde os seus primórdios de desenvolvimento, com a finalidade de exigir um reflexo de algo ou alguém, gerando pessoas robotizadas, que ocasiona o sofrimento psíquico.

Emoções quando reprimidas adoecem o indivíduo, atingido diretamente seus comportamentos perante aos eventos da vida, o que prejudica suas relações interpessoais e pessoais. Entende-se, por sua vez, que pessoas não são padrões de tradição ou moldes de expectativas e imposições, portanto, podem escolher caminhar com suas referências de vida, do seu modo não obrigatório ou simplesmente construir suas próprias, possibilitando os efeitos positivos de sua evolução singular.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Tháyla Kayty Cardoso Tavares *et al.* Elaborações imaginativas de professores sobre adolescência: uma leitura Winnicottiana. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 38, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/BHZbYDbVSnkZzm4Xd3YRjPc/?lang=en>. Acesso em 02 jul. 2022.
- AREOSA, S. V. C.; BULLA, L. C. Novas configurações familiares a partir do idoso como provedor. **Psicologia** (Lisboa), n. 24, v. 1, pp. 161-171, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492010000100008&lang=pt](http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492010000100008&lang=pt). Acesso em 02 jul. 2022.
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative control on child behavior. **Child Development**, n. 37, pp. 887-907, 2022. Disponível em: [https://pmppediaticcare.com/behavioral-health/?gclid=CjwKCAiAp7GcBhA0EiwA9U0mthcrDVz2oLnzHnymuHXAN\\_OSqhKlnt3CdrQlPwMh7SC6HSfqMBKbtRoCIJgQAvD\\_BwE](https://pmppediaticcare.com/behavioral-health/?gclid=CjwKCAiAp7GcBhA0EiwA9U0mthcrDVz2oLnzHnymuHXAN_OSqhKlnt3CdrQlPwMh7SC6HSfqMBKbtRoCIJgQAvD_BwE). Acesso em 02 jul. 2022.
- BENETTI, Idonézia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 67-79, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050>. Acesso em 02 jul. 2022.
- CARTA Capital: IBGE: **2,7% das famílias ganham um quinto de toda a renda no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ibge-27-das-familias-ganham-um-quin-to-de-toda-a-renda-no-brasil/>. Acesso em 02 jul. 2022.
- CORSINI, L. F. Autoridade, família e terapia: discutindo a autoridade no contexto das relações sociais e familiares. **Arq. bras. psicol.**, n. 60, v. 1, pp. 140-151, jan./jun., 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672008000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000100013). Acesso em 02 jul. 2022.
- COSTA, Veridiana; QUEIROZ, Edilene. **Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gfkj7QS3RGGtPbJq76dfRgd/?lang=pt#>. Acesso em 02 jul. 2022.
- DE ANTONI, C. **Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico**. Projeto de Doutorado não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6137/000481255.pdf?sequence=1>. Acesso em 02 jul. 2022.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas**

futuras, p. 113-131, 2005:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4857413/mod\\_resource/content/1/Cap%206%20Dessen%20e%20Costa%20Jr%20A%20fam%20C3%ADlia%20e%20suas%20inter-rela%20C3%A7%20C3%B5es%20com%20desenvolvimento%20humano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4857413/mod_resource/content/1/Cap%206%20Dessen%20e%20Costa%20Jr%20A%20fam%20C3%ADlia%20e%20suas%20inter-rela%20C3%A7%20C3%B5es%20com%20desenvolvimento%20humano.pdf). Acesso em 02 jul. 2022.

FACO, Vanessa M. Gibran; MELCHIORI, Lígia Ebner. **Conceito de família**. 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-07.pdf>. Acesso em 02 jul. 2022.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 407 pp.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Gomide, P. I. C., & Sabbag, G. M. (2003) [**Efeitos das práticas educativas sobre o comportamento anti-social em crianças e adolescentes - Validação do Inventário de Estilos Parentais (IEP): aplicação em sujeitos do sexo feminino**]. (Relatório de pesquisa a PIBIC/CNPq). Curitiba: UFPR. Unpublished.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Editora Vozes Limitada, 2012.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. 21. ed. São Paulo: Planeta, 2017. Disponível em: <https://estudocerteiro.com.br/outros-jeitos-de-usar-a-boca/>. Acesso em 02 jul. 2022.

MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de et al. Significados da dinâmica familiar por homens que reproduziram a violência doméstica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/Hn4VZybGXvqhVzMB4HdvjqN/abstract/?lang=en>. Acesso em 02 jul. 2022.

MINUCHIN, Salvador; NICHOLS, Michael P.; LEE, Wai-Yung. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema**. Artmed Editora, 2009.

OLIVEIRA, N.H.D. Família contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **Recomeçar: família, filhos e desafios** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>. Acesso em 02 jul. 2022.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000400033](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000400033). Acesso em 02 jul. 2022.

WEBER, L. N. D., PRADO, P. M., VIEZZER, A. P., & BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17, 323-331, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/xP7PmbNp3Q5W76DPMzL935C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02 jul. 2022.